

HUMANIDADE, SAÚDE E CRISE DE CORPOREIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

HUMANITY, HEALTH AND CRISIS IN POST-MODERN CORPORALLITY

*Renato Ferreira Machado**

Resumo

O artigo estuda a crise de corporeidade na pós-modernidade. A atual obsessão por produtividade e sucesso desfigura a consideração do corpo humano, esvaziando-o de humanidade. Para recuperá-la, é necessário levar em conta não apenas valores vigentes, como a busca da juventude eterna, o consumismo e a saúde, mas também entender o corpo à luz dos valores da antropologia e soteriologia cristãs, que afirmam a ressurreição da carne e a vida eterna.

PALAVRAS-CHAVE: Corporeidade. Antropologia cristã. Ressurreição da carne. Humanidade. Saúde.

Abstract

The article examines the crisis of corporality in post-modernity. The current obsession with productivity and success distorts the consideration of the human body, emptying it of humanity. To recover it, one must take into account not only current values, as the search for eternal youth, consumerism and health, but also understand the body in the light of the values of Christian anthropology and soteriology, which affirm the resurrection of the flesh and eternal life.

KEYWORDS: *Corporality. Christian anthropology. Resurrection of the flesh. Humanity. Health.*

* Mestre em Teologia – PUCRS. Professor da Faculdade Dom Bosco e Coordenador de Pastoral. E-mail: <gaulkemachado@terra.com.br>.

Introdução

Habitualmente, na cultura ocidental, costuma-se dizer que se tem um corpo e não que se é corpo. Assim sendo, parece ser necessário saber a quem este corpo pertence e quem seria este *eu* que afirma possuí-lo. A compreensão do humano ao longo da história foi transferindo a centralidade da vida para o órgão que sedia a dinâmica do pensar, o cérebro, tornando a pessoa algo como *pensamento passeando em um corpo*. Quando se junta a isso a atual obsessão por produtividade e sucesso, talvez se chegue à constatação de que o ser humano tenha se tornado *corpo a serviço do trabalho*. Nesta situação, ao invés de comandado pelas ideias, corpo e mente são comandados pelas exigências do mundo globalizado pelo neoliberalismo.

Cada vez mais ouvimos em caso de acidente: a técnica é segura, as pessoas não são seguras, a técnica funciona e foi a falha da pessoa a culpada. Se abolirmos a falibilidade da pessoa, então poderemos viver em tempos sem risco, mas serão tempos humanos? Isso coloca a seguinte questão: devem as pessoas adaptar-se às máquinas ou antes as máquinas às pessoas?¹

Interessante notar como a presença humana no planeta é marcante, mas nem sempre percebida como marca de humanidade. A Terra, vista do espaço, apresenta visíveis sinais do trabalho e presença das pessoas ao longo do tempo, incorporadas à geografia do planeta, na forma de megalópoles que iluminam as faces continentais terrestres com eletricidade conduzida pelo trabalho humano. Um olhar *de fora* deveria perceber quantas vidas estão envolvidas na manutenção deste cenário e perguntar-se se estas construções são erigidas por um *nós* ou por vários *eus*. O ser humano que ergue cidades, sem dar-se conta de suas dimensões, mudou sua relação com o mundo e, conseqüentemente, com ele mesmo: antes, era um ser praticamente invisível em meio às florestas, montanhas e desertos, vulnerável às mínimas mudanças climáticas, às mais simples doenças e a outros seres vivos. Hoje, tornou-se um *ser-em-toda-parte*, unido por um contrato social e tornado um

¹ MOLTSMANN, Jürgen. O que é a Vida Humana? Antropologia e desenvolvimento biomédico. *Humanística e Teologia*. Porto, tomo XXVIII, fascículo 1/2, p. 67-87, dez. 2007. p. 74-75.

piloto cibernético do mundo artificial erigido sobre o mundo natural.² Se havia uma caracterização do humano como ser que transforma a natureza com a criação de cultura, a pós-modernidade traz uma pessoa que habita o mundo sem incluir-se em seu ambiente e pensa o planeta sem realmente conhecê-lo.³

Da mesma maneira que erige um planeta à imagem e semelhança de seus projetos, este ser humano acaba erigindo, em si, o protótipo de dominador de seu meio. Deve-se considerar, aqui, que esta imagem de homem e mulher vem impregnada por uma cultura de conquista e competição, enraizada nos paradigmas científicos iluministas da modernidade europeia e na interpretação de *sobrevivência do mais forte*, no ideário evolucionista de Charles Darwin. Ao se compreender a sobrevivência pela força como chave para a vida, vai-se chegar à modelação dos corpos de forma atlética e mesmo agressiva, seguindo-se um padrão de estética baseado no que se convencionou como imagem de herói ou heroína no ocidente. Mesmo em um ambiente de suposta diversidade, como a pós-modernidade, se perceberão algumas marcas estéticas em comum, como supostamente aceitáveis na sociedade globalizada. Entra-se, aqui, em uma situação de crise: ao se colocar o corpo a serviço da produtividade e de uma estética que, nos padrões neoliberais, traduziria *qualidade de vida*, chega-se, muitas vezes, à negação de questões originárias da vida que se manifestam na exterioridade corpórea, como os traços físicos de semelhança parental e a própria idade. Em outras palavras, ao perseguir um ideal de *imagem vitoriosa*, muitas pessoas acabam apagando de sua corporeidade a história de sua vida e das gerações que o precederam, além de negarem os efeitos do tempo sobre a vida. Tem-se, então, um pessoa congelada no presente, mantendo uma juventude falsificada pelas possibilidades abertas no acesso à tecnologia.

A juventude eterna e a negação da esperança

Juventude parece ser, neste momento da história, a grande obsessão de pessoas de todas as faixas etárias. Crianças adotam comportamento adolescente cada vez mais cedo e adultos parecem demorar mais para amadurecer, sustentando atitudes, vestimentas e hábitos típicos de jovens.

² Cf. SERRES, Michel. *O Contrato Natural*. Lisboa: Piaget, 1990. p. 33-37.

³ Cf. SERRES, 1990. p. 51.

Estes últimos, enquanto isso, encontram-se verdadeiramente no *olho do furacão*, sendo obrigados a se tornarem referenciais para o todo da sociedade enquanto eles mesmos buscam pontos de referência para suas vidas. Para compreender este fenômeno, precisaremos pormenorizar um pouco mais as características do complexo social no qual vivemos.

Enquanto, em sociedades tradicionais, a vida do indivíduo, como um todo, é marcada pelas tradições do grupo ao qual pertence, havendo uma adaptação do presente ao passado, as sociedades modernas vivem exatamente o oposto: é o futuro que domina o espírito dos vivos e os impulsiona. Este movimento, ao liberar as pessoas de seus antepassados e tradições, acaba por colocar sobre os ombros da juventude a responsabilidade pelas inovações que tornarão o futuro sempre mais fascinante que o presente e o passado.⁴ Olhando-se para este quadro, pode-se supor que a juventude seja, neste contexto, portadora da esperança, trazendo renovação às questões que as tradições não conseguem mais resolver. A realidade, porém, mostra outro quadro.

Nos países de livre mercado observamos o crescimento agressivo da comercialização da infância e da juventude. (...) Como se mostra na propaganda dos *jeans*, a publicidade dirigida aos jovens não veicula apenas produtos comercializáveis, veicula também simultaneamente a adequada cultura jovem.⁵

Se lançarmos um olhar sobre os movimentos culturais ocidentais de juventude do Século XX, logo constataremos esta alarmante verdade. Desde a década de 1960, com o surgimento e fortalecimento de uma *cultura jovem*, capitaneada pelo *rock'n roll*, a atitude dos jovens acaba sendo absorvida e vendida pelo mercado de entretenimento: permanece a estética e esvazia-se o conteúdo. Na década de 1990, a partir do avanço e popularização da informática, trouxe uma onipresença do *espírito jovem*, uma vez que eram exatamente os jovens que mais entendiam das ferramentas tecnológicas que começaram a ser adotadas por todos os setores sociais. Desta forma, logo se passou a vender a ideia de que para permanecer sintonizado com os rápidos avanços e mudanças tecnológicas que o novo século traria, não bastava entender a técnica: era preciso

⁴ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *No fim, o início* – breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Loyola, 2007. p. 34-35.

⁵ MOLTSMANN, 2007, p. 40-41.

ser jovem, uma vez que o adulto deste tempo ficara desatualizado e não tinha nada de importante para ensinar.

Esta adequação social, que foi gradativamente tomando forma, vem trazendo consequências danosas para vários âmbitos do convívio humano, uma vez que a *atitude jovem* vendida pelo mercado neoliberal apregoa ousadia sem consciência, atitude *rebelde* sem ideais consistentes e um aproveitamento intenso da vida sem perspectiva de futuro. De certa forma, pode-se dizer que a adoção da juventude como paradigma de vida potencializou questões que já estavam colocadas como pressupostos da sociedade neoliberal: competitividade, hedonismo, narcisismo e outras atitudes típicas de quem está formando sua personalidade em crise com a própria história.

O princípio do desempenho pessoal democratiza-se, mas, simultaneamente, se personaliza e toma um feitiço psicológico, tendo como finalidade a gestão utilitarista do capital-corpo, por via da otimização da forma e da saúde, da emoção elevada ao extremo. Na atualidade, o espírito de desempenho pessoal conjuga a competição intrapessoal com a competição contra si mesmo: compara-se a outro para afirmar o ego construtivista e triunfal de si próprio. A descoberta de seu próprio potencial, a procura do equilíbrio interno, a vitória sobre si tornaram-se valores prioritários.⁶

Viver intensamente o tempo presente acaba tornando-se, na pós-modernidade, o grande ideal de uma vida estacionada na adolescência: os sonhos de vida se tornam *sonhos de consumo* e os projetos perdem sentido. Com mudanças acontecendo mais rapidamente do que se possa acompanhar, perde-se o sentido de processo e até mesmo o senso de história: esta se torna o conjunto de fatos do passado, que tem seu lugar nos museus; as *datas comemorativas* desempenham o papel de garantia do retorno ao eterno igual, ao invés de serem eventos provocadores de um novo futuro; liquida-se a consciência de tempo com o processamento de dados, que armazena fatos e torna obsoletas a memória viva e as tradições oriundas das lembranças.⁷

⁶ LIPOVETSKY, Gilles. *A Sociedade Pós-Moralista*. Barueri: Manole, 2005. p. 89

⁷ Cf. MOLTMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão Teológica – Caminhos e Formas da Teologia Cristã*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004. p. 45. Moltmann demonstra, nestes três processos, aquilo que intitula como *fim da história moderna*.

Saúde como força para ser pessoa

Ao voltar-se para a própria imagem corporal como sacramento da realização pessoal, o ser humano passa a perseguir um estado de saúde que possa manter esta imagem. Herdamos da sociedade industrial um conceito de saúde ligado à capacidade de trabalhar e de ter prazer, considerando-se qualquer estado que impeça estas duas ações como enfermidade. Esta concepção é praticamente uma tradução daquilo que este modelo de sociedade necessita para manter-se – trabalho e consumo – e acaba reduzindo a pessoa saudável a estes dois estados: trabalhador e consumidor. Neste contexto, a própria saúde se torna bem de consumo, vista a iminência de aderir a algum plano de saúde privado para garantir um bom atendimento médico, em detrimento da saúde pública.⁸

Ao se buscar a definição de saúde feita pelo órgão responsável por ela na *Organização das Nações Unidas – Organização Mundial de Saúde* – encontra-se a seguinte ideia: saúde é uma situação de total bem-estar corporal, espiritual e social e não apenas uma ausência de doença ou enfermidade.⁹ Se, por um lado este pensamento sobre saúde parece humanizar a herança da sociedade industrial sobre este assunto, por outro ele coloca a situação em um patamar inatingível pela sociedade como um todo e pelo próprio ser humano em si. Pior ainda: na forma como se apresenta, este estado de saúde é possível para poucos, chegando a se tornar um estado utópico que ultrapassa a própria natureza humana. Viver em um estado de total bem-estar é buscar vida sem sofrimento, felicidade sem dor e convívio social sem conflito, condições que impedem o conhecimento dos processos de morte e da própria condição humana de mortalidade. Atingir este estado significa abrir mão da saúde em si, pois um estado que não permite conflitos acaba sendo opressor e escravizador. Viver neste contexto requer abrir mão da própria vida e da própria morte.¹⁰

⁸ Cf. MOLTSMANN, 2007, p. 81.

⁹ “Health is a state of complete physical, mental and social well-being and not merely the absence of disease or infirmity”. A definição se encontra no preâmbulo da Constituição da Organização Mundial de Saúde, cuja versão em inglês está disponível em <<http://apps.who.int/gb/bd/PDF/bd47/EN/constitution-en.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

¹⁰ Cf. MOLTSMANN, 2007, p. 81-83.

O culto moderno da saúde produz exatamente aquilo que quer ultrapassar, nomeadamente o medo da doença, o receio perante o morrer e perante a morte. Em vez de ultrapassar as doenças e as enfermidades, produz uma utopia de bem-estar universal, da qual são excluídas as doenças incuráveis, os deficientes e os moribundos. Sempre que o morrer e a morte não são considerados, qualquer definição de saúde torna-se ilusória.¹¹

Nisso tudo se percebe o quanto o ideal de saúde varia de acordo com o sistema de valores de cada meio social. Geralmente, ele vem carregado daquilo que é eleito como ideal de sustentabilidade desta sociedade, levando as pessoas a se adaptarem a este ideal. Em uma sociedade movida por trabalho e capital, saúde é força para trabalhar e prazer para usufruir; em uma sociedade fragmentária, de mudanças aceleradas, de poucas certezas e egoísmo crescente, a saúde acaba se relacionando com o bem-estar pessoal, em uma suposta *qualidade de vida* que esconde os processos de sofrimento e evita conflitos e questionamentos. Em tudo isso, parece que a pessoa acaba sendo a última a ser considerada, em detrimento de um funcionamento harmônico da sociedade. Levando-se isso em consideração talvez seja necessário partir daquilo que define o ser humano para se pensar na saúde.

Doença, dor e morte são contingências inerentes ao ser humano e sua eliminação pode tornar-se eliminação da própria essência humana. Não se quer dizer aqui que sejam realidades desejáveis, mas que são, sim, inalienáveis e que escamoteá-las não ajudará a enfrentá-las. Saúde, portanto, não pode ser nada que retire estas condições do horizonte das pessoas, mas deve ser força para viver com elas. Pode-se começar a pensar, então, em saúde como atitude da pessoa diante das situações que mudam sua vida, como força para enfrentar as adversidades. Esta força se revela como capacidade para a felicidade e para o sofrimento, como disposição para a vida e confiança diante da morte. Pensando-se por esta linha, um estado saudável acaba sendo entendido como *estado humano*, ou seja, um sentir-se integrado e aberto para as relações e perspectivas futuras, mesmo em situações que trazem sofrimento. Este processo se torna claro em algumas situações específicas que envolvem a dimensão da vitalidade humana: a autorrelação do enfermo que o leva

¹¹ MOLTSMANN, 2007, p. 83.

a uma nova experiência de si, na qual fortalece a consciência sobre seu valor e admite-se enfermo; na relação social do enfermo, que se abre à ajuda alheia, voltando-se ao seu semelhante; na revisão de sua história de vida na enfermidade, quando vivencia a esperança de ressurreição no prenúncio de morte que é a doença; finalmente, na revelação de um sentido de vida trazido pela experiência de adoecimento, colocando em perspectiva todos os valores cultivados até então.¹² Neste sentido, percebe-se que, uma vez que tratar saúde e doença incide em levantar a questão da morte, não é possível fazê-lo sem o devido aporte teológico, que levará à discussão das crenças que movem a pessoa ao longo de sua vida. Em nosso caso, a partir da herança e tradição judaico-cristã, isso significa levantar a questão da ressurreição da carne.

Entender ressurreição da carne no contexto pós-moderno

O ensinamento soteriológico cristão não se relaciona à desintegração da pessoa em uma alma imortal e nem à redução do ser humano em uma máquina funcional. O que a tradição cristã afirma é a *ressurreição da carne* e a *vida eterna*. Para a cristandade, a espera pela libertação do corpo é um assumir da morte como libertação e de uma criação em sofrimento que, atingida pelo mistério do mal, aguarda esperançosa *novo céu e nova terra*,¹³ quando todas as coisas assumirão seu estado permanente e eterno. Para se compreender o sentido desta afirmação no contexto atual, precisamos retornar à concepção de imagem de Deus e imagem humana que se aprende na tradição judaico-cristã.¹⁴

Realizando-se a leitura da Escritura Sagrada não vai se encontrar uma figura amorfa de Deus, apesar da proibição de se erigirem imagens que o retratem. Já na afirmação de que o Criador faz os seres humanos como homem e mulher e que ambos são sua imagem,¹⁵ percebe-se um Deus que só pode ser compreendido na unidade vital e não apenas como alma. Esta questão se confirma ao se pensar que a salvação que este Deus leva à sua criação vem na forma humana de Jesus que, após a morte na cruz, ressuscita com sua identidade pessoal integral e não apenas

¹² MOLTSMANN, 2007, p. 83-85.

¹³ Cf. *Is* 65, 17.

¹⁴ Cf. MOLTSMANN, 2007, p. 75.

¹⁵ Cf. *Gn* 1, 27.

como espírito.¹⁶ Não haveria sentido para os cristãos pensar que a História da Salvação pudesse se concluir com outra coisa, senão com a ressurreição da carne e o ressurgimento da vida plena para todos os viventes.¹⁷ O que se faz necessário, no atual contexto, é ressignificar estas afirmações de fé de forma compreensível.

Conforme já tratamos aqui, há uma crise com a corporeidade na sociedade pós-moderna, abrangendo o significado do corpo, a concepção de vida como unidade, a busca de uma imagem que traduza ideias de vida deste tempo e a própria concepção de saúde. Por isso, ao se tratar de *ressurreição da carne*, parece ser necessário dialogar com a medicina e as concepções de salvação da pessoa através da intervenção médica.

Contra uma medicina reducionista do corpo, posicionou-se a medicina psicossomática que compreende a pessoa como uma unidade psicossomática: o corpo influencia a alma e a alma opera no corpo. As doenças não são uma destruição de órgãos, mas sempre uma experiência da pessoa toda. O paciente não é um objeto médico, mas sempre também uma pessoa.¹⁸

Conclusão

A partir desta visão, pode-se perceber a enfermidade como parte integrante da história de vida da pessoa e não como uma interrupção desta. Ao se realizar uma abordagem por esta via, pode-se auxiliar na integração do todo da vida pessoal, dando novos significados ao papel do corpo na ordenação da existência e ampliando horizontes na

¹⁶ Uma passagem que parece traduzir significativamente esta realidade é a que se encontra em *Lc 24, 36-43*: “Ainda estavam falando, quando Jesus apareceu no meio deles, e disse: ‘A paz esteja com vocês.’ Espantados e cheios de medo, pensavam estar vendo um espírito. Então Jesus disse: ‘Por que vocês estão perturbados, e por que o coração de vocês está cheio de dúvidas? Vejam minhas mãos e meus pés: sou eu mesmo. Toquem-me e vejam: um espírito não tem carne e ossos, como vocês podem ver que eu tenho.’ E dizendo isso, Jesus mostrou as mãos e os pés. E como eles ainda não estivessem acreditando, por causa da alegria e porque estavam espantados, Jesus disse: ‘Vocês têm aqui alguma coisa para comer?’ Eles ofereceram a Jesus um pedaço de peixe grelhado. Jesus pegou o peixe, e o comeu diante deles.”

¹⁷ Cf. MOLTSMANN, 2007, p. 75-77

¹⁸ MOLTSMANN, 2007, p. 77

própria experiência vital. Alinha-se a esta visão a *terapia da forma*,¹⁹ que considera a pessoa para além de sua unidade de corpo e alma, mas como uma figura formada por pessoa, mundo e circunstâncias. Volta-se aqui à ideia de caracterização do humano eminentemente como ser de relações que, ao mesmo tempo, é resultado delas e interfere no mundo a partir delas: as relações formam, então, o espaço vital necessário para que o viver aconteça e, de forma gradativa, se desdobram em vários níveis que se perpassam na dinâmica da vida. Partindo-se do espaço social das relações interpessoais imediatas, como o meio familiar, vai-se para o espaço das relações *sociopolíticas e culturais*, marcadas por tempos e lugares; a isso se integra o espaço de relações ecológicas, com o que é necessário à sustentação da vida, até se chegar ao espaço de relações transcendentais, compreendido na tradição judaico-cristã como o próprio espaço de Deus, que a tudo envolve. Em tudo isso, transparece a verdade de que a constituição humana se dá na ressonância de todas as relações e no espaço de reconhecimento recíproco.²⁰

Crer na *ressurreição da carne* no atual contexto pode significar, então, confiar a vida à força criadora de Deus, experimentando-a na integralidade de experiências que ocorrem em nossa história pessoal, da forma como são visibilizadas e concretizadas na corporeidade. Isto significa experimentar o próprio Espírito de Deus, que ressuscitou Jesus do meio dos mortos, superando a indiferença ao viver e morrer que é incentivada neste tempo. Ao assumir o Espírito da ressurreição, cultivava-se uma nova espiritualidade de aceitação integral da vida, protesto contra a morte e compaixão pelos que sofrem.

Recebido: 02/06/2011

Avaliado: 30/06/2011

¹⁹ Moltmann refere-se à Gestalttherapie, abordagem psicológica que possui uma visão de homem e de mundo pautadas na doutrina holística, na fenomenologia e no existencialismo. Seu foco é levar a pessoa a restaurar o contato consigo, com os outros e com o mundo. Por ser considerada uma abordagem humanista, acredita na capacidade do ser humano em se autorrealizar e de desenvolver seu potencial. Foi cofundada por Fritz Perls, Laura Perls e Paul Goodman entre os anos de 1940 a 1950. Está relacionada com, mas não é a mesma coisa que, a psicologia da gestalt.

²⁰ MOLTSMANN, 2007, p. 77-79